

Porto, 14/5/90

Meu caro Amigo Sérgio

Si duas linhas para lhe enviar o texto que  
escrevi para o Dicionário das Artes da Presença,  
que lhe tinha prometido e para agradecer a  
sua muito gentil carta. Aguardo a favor o  
bom com a impaciência da amizade e de  
admiração.

Um grande abraço a

Bernardo

TÍTULO: Cruzeiro Seixas

FOLHA N.º 1

1 A obra de Cruzeiro Seixas caracteriza-se, antes do mais,  
2 por um sentido de fragmentação que a torna deveras inclassifi-  
3 cável. Naturalmente, e como se viu, ligada ao movimento sur-  
4 realista e à sua imagética algo esquemática, viveu sobretudo,  
5 ao longo das décadas em que se fez, de uma espécie de abandono  
6 da ideia constitutiva de Obra, como algo que se pode construir,  
7 fixando-se preferencialmente na dissolução dessa noção român-  
8 tica através da infinita dispersão em pequenos apontamentos e  
9 colagens que, surrealisticamente, corresponderam a momentos de  
10 intervenção (e combate) em defesa dos valores a que (ideo)ló-  
11 gicamente se ligou.

12 Um traço vincado pela vontade de rigor, a sugestão de espa-  
13 ços metafísicos de ressonância ora chiriquiana ora daliniana,  
14 a intensificação dos valores nocturnos e lunares através da  
15 acentuação das zonas negras ou de penumbra nos seus desenhos  
16 tendo-se tornado como como que figuras emblemáticas do seu fa-  
17 zer, da sua poética.

18 A pintura de Cruzeiro Seixas, menos abundante em quantidade  
19 do que os seus desenhos, reafirmou o mesmo índice de inquiéta-  
20 ção poética, tendo a sua obra em geral merecido o devido reco-  
21 nhecimento pelos críticos que internacionalmente vêm estudan-  
22 do a "segunda vaga" do surrealismo internacional que Breton  
23 lançou no rescaldo da segunda grande guerra mundial.

24 Acerca desta obra enigmática e dispersa até no que respeita  
25 aos modos que escolheu para se exprimir - a pintura, o desenho,  
26 a colagem, a poesia, etc -, escreveu em 1967 Mário Cesariny,  
27 seu companheiro de geração e de afirmação do movimento surrea-  
28 lista em Portugal, um pequeno volume em que, citando o próprio  
29 artista, esclarece: "... Quase me ofende a obra que pretende  
30 perdurar, como se houvesse uma qualquer eternidade. A maior

TÍTULO: Cruzeiro Seixas

FOLHA N.º 2

1 parte dos meus trabalhos tende a desagregar-se dentro de um  
2 relativamente curto espaço de tempo".

3 Assim se vocacionou essa obra para uma dimensão de raiz ro-  
4 mântica, sensível à captação de estados interiores, oníricos,  
5 <sup>v/p</sup>posta revelar uma oculta face da vida psíquica na esteira dos  
6 princípios que consagraram o próprio surrealismo, ~~ao~~ desvelar  
7 o absurdo de situações através da criação de objectos bizarros  
8 de que terá sido, com Areal e Paula Rego - vindos afinal de  
9 afinidades com o surrealismo - um dos poucos cultores em Por-  
10 tugal. Ou seja, dos que ousaram essa forma de expressão ambí-  
11 gua e capaz de transmitir, pelo absurdo, a agente presença do  
12 humor de que Breton por várias vezes falou, e de que são exem-  
13 plos a "Homenagem a Francis Picabia" (1967) ou o mais conheci-  
14 do "L'Oppresseur" de (1959).

15 É ainda Mário Cesariny quem escreve (op. cit): "C.S., apro-  
16 priando com o mínimo de impurezas o "explosivo-fixo, mágico-  
17 circunstancial" do belo surrealista, é para o mais íntimo que  
18 aponta".

19 A imagética de Cruzeiro Seixas é um repositório de estra-  
20 nhas imagens que fixam ou cristalizam figuras do amor carnal  
21 em obsessiva fantasmação erótica, ao mesmo tempo que visões  
22 de um mundo irreal feito de aparições que oscilam entre a mais  
23 bela e densa matéria dos sonhos e o obs<sup>c</sup>ecante sublime dos mais  
24 fundos pesadelos.

25 Recente exposição do artista após atribuição do prémio  
26 SOCTIP para artista do ano 1989 confirmou a forma consequente  
27 e coerente como essa mesma obra evoluiu, sem abandonar a sua  
28 figuração nocturna e recorrente sempre dessa mesma imagética  
29 que desde os inícios se tornou como que emblemática de um es-  
30 tilo.



TÍTULO: Cruzeiro Seixas

FOLHA N.º 3

1 Se a obra de Cruzeiro Seixas conservou sempre temas que,  
2 pelo seu ambiente e características, de certa maneira a limi-  
3 taram ou confinaram às fronteiras de um género, não é menos  
4 verdade que nesse vínculo se definiu um universo poético que  
5 é recente também na sua obra poética, recolhida num volume de  
6 edição da Galeria Gilde, de seu título "Eu falo em Chamas".

7 Há uma espécie de melancolia que se liberta das melhores  
8 obras de Cruzeiro Seixas, que ecoa nessas zonas muito negras  
9 que são metáfora da grande noite do mundo.

10 Essa melancolia e esse pathos são afinal memórias  
11 ainda de nostálgica poética de lembrança rimbaudiana de um  
12 eterno sentimento de que "la vraie vie est ailleurs". O poema  
13 "Flash", que Herberto Helder dedicou ao pintor/poeta é afinal  
14 sinal também dessa espécie de concordância que se estabelece  
15 entre universos paralelos mas tangenciais.

16 Os temas do amor e da morte, e da morte do amor, como abso-  
17 lutos a La Novalis, de intenso eco romântico e referência a  
18 paisagens de mundos desabitados e aparentados com o fantás-  
19 tico são os elementos essenciais dessa arte do fragmento que  
20 Cruzeiro Seixas porfiou ao longo de mais de quatro dezenas de  
21 décadas.

22 O seu reconhecimento no seio dos ainda activos grupos sur-  
23 realistas internacionais está patente em inúmeros artigos re-  
24 ferências bibliográficas etc. de que a sua obra tem sido alvo,  
25 nomeadamente através de textos do notável poeta Laurens  
26 Vaucrevel, entre muitos outros.

27 A extrema estilização do desenho de Cruzeiro Seixas, o  
28 perfeccionismo do seu traço, o sentido da composição neles  
29 patente, tem sido razão suficiente para uma atenção do público  
30 fascinado pelo teor decorativo e por vezes ingénuo do seu tra-

TÍTULO: Cruzeiro Seixas

FOLHA N.º 4

1 balho sem entender por vezes o outro lado da questão e o que  
2 se afigura deveras como o mais importante: o facto de se tra-  
3 tar de uma obra que conjuga profundo imaginário lírico e poé-  
4 tico que fez do surrealismo autentica profissão de fé e que o  
5 levou, entre nós às ultimas consequências.

6  
7  
8  
9 Bernardo Pinto de Almeida  
10  
11  
12



13 UNIVERSIDADE  
14 DE ÉVORA  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30

H E CORREIO DE  
D 000 058.00  
D 057E PORTUGAL

AUGUSTO LUSO  
16.5.90  
4000 PORTO

Pintor  
Artur Cruzeiro Seixas  
Rua da Rosa, 152-3º Dto.  
1000 Lisboa



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

Bernardo Pinto de Almeida  
R. Marta Mesquita da Câmara, 33-hab.04  
S. João da Foz  
4100 Porto